



A destruição de tradições na “Casa de Rio Branco”

Almeida, Paulo Roberto (2019). *Miséria da diplomacia: a destruição da inteligência no Itamaraty*. Coleção Comunicação e Políticas Públicas. Boa Vista: Editora da UFRR, 165 p.

Com um título chamativo, o livro *Miséria da diplomacia: a destruição da inteligência no Itamaraty* se propõe a discutir a inflexão da política externa brasileira, a partir da chegada de Jair Bolsonaro à presidência da República. Ao longo dos capítulos, a obra apresenta as consequências danosas desta inflexão para a imagem do Brasil no cenário internacional e, especialmente, para o interesse nacional. Presidindo o Instituto de Pesquisas em Relações Internacionais do Ministério das Relações Exteriores (MRE) desde 2016, Paulo Roberto de Almeida, cuja identificação política com o campo da direita liberal se revela

na ampla gama de artigos presente em seu blog, foi surpreendido por sua exoneração do cargo, durante o Carnaval de 2019. A partir disso dedicou-se à elaboração do livro, finalizado em julho do mesmo ano.

A profusão de vozes críticas à guinada histórica da política externa brasileira, a partir de janeiro de 2019, acabou por reunir campos políticos que, até a erupção da novidade representada por Bolsonaro, eram diametralmente opostos na percepção sobre as estratégias de inserção internacional. Refiro-me à oposição entre PT e PSDB, dominante ao menos na dimensão político-ideológica,

desde a década de 1990. A política externa desenvolvida pelo Governo Bolsonaro acabou por reunir expoentes da direita e da esquerda dentro de uma mesma lógica de estupefação e de críticas à forma como o Brasil passou a agir nas diversas dimensões da vida internacional. Deixando momentaneamente as dissidências de lado, atores e defensores de uma política externa “ativa e altiva” desenvolvida nos Governos Lula, e de uma inserção internacional mais identificada com aquela construída pelos governos neoliberais dos anos de 1990, do qual Paulo Roberto de Almeida é um dos expoentes, passaram a manifestar seu repúdio à agenda de destruição dos preceitos básicos de política externa enunciados na Constituição de 1988. A valorização dos fóruns multilaterais e da integração regional, da qual o Mercosul é nosso projeto mais bem acabado, estão entre os preceitos que passaram a ser desmerecidos, quando não atacados.

A inflexão da ação internacional do Brasil deu-se praticamente em todas as áreas de atuação, mas o autor se dedica a esmiuçar, em tom ácido, as alterações na conformação do processo decisório dentro do Itamaraty. Desnudar o pensamento do atual chanceler é um dos focos do primeiro capí-

tulo, no qual Almeida analisa o artigo que Ernesto Araújo escreveu em 2018, e através do qual provavelmente caiu nas graças de Olavo de Carvalho. No artigo “Trump e o Ocidente”, Araújo alerta para a necessidade de salvar o Ocidente, afirma ver no presidente norte-americano essa capacidade, e conclama o Brasil a se empenhar na mesma missão. Utilizando-se de referências que vão de Spengler a Marx, Paulo Roberto de Almeida escancara as contradições de um discurso que considera estapafúrdio, evidenciando que esta suposta salvação não poderia vir de uma gestão que tem como lema fazer o seu país *great again*.

O autor se dedica à análise do “globalismo” que, embora seja um conceito vasto e abstrato, se apresenta como um dos elementos centrais nos discursos de Ernesto Araújo. Também discorre sobre a forma pela qual o “marxismo cultural” foi ressuscitado pelo chanceler de Bolsonaro. Como liberal convicto que é, Almeida aproveita para tecer críticas ao pensamento marxista e ao “esquerdismo simplório”, afirmando que o termo “marxismo cultural” estaria relegado ao esquecimento se não fosse ressuscitado por uma “direita paranoica”. São frequentes as passagens em que o autor

tece críticas à política externa do “lulopetismo” e sua alegada “ideologização”.

Passando por temas que vão da importância da China para as relações comerciais do Brasil, até a vergonhosa aquiescência do governo brasileiro à política de tratamento de imigrantes ilegais do Governo Trump, Almeida aborda o que entende ser uma Revolução Cultural em marcha dentro do aparato burocrático brasileiro. Criticando a esquerda brasileira, mas sem corroborar com argumentos próprios de um anticomunismo primário, o autor nos apresenta, com *Miséria da Diplomacia*, um panorama dos trajetos nunca antes percorridos pela política externa brasileira rumo a uma situação considerada catastrófica, e de difícil reversão. Apesar da apreensão que o tema causa, trata-se de uma obra que pode despertar eventuais risadas do leitor, dada a espirituosidade do autor, que mescla avaliações conceituais com passagens irônicas e hilárias, como aquelas em que se refere a Olavo de Carvalho como “sofista da Virgínia” ou “Rasputin de subúrbio”. Almeida também não economiza nos adjetivos para nomear pessoas e passagens da atual gestão do MRE, sendo “bizarro” e suas derivações, os mais recorrentes

ao longo do texto. “Diplomacia familiar” é o termo utilizado quando se discorre sobre a interferência dos filhos de Bolsonaro em assuntos que deveriam estar reservados ao corpo diplomático.

No futuro este pode ser um registro exemplar do quão distante dos dois campos que até então se faziam presentes na compreensão e na ação de política externa - e que podem ser identificados nas antíteses autonomistas x institucionalistas pragmáticos ou neodesenvolvimentistas x neoliberais - esteve o Governo Bolsonaro em sua postura internacional. Mesmo discordando do autor em várias análises sobre políticas públicas, economia e inserção internacional, e não é difícil para os progressistas e a esquerda fazê-lo, os leitores de variadas posições ideológicas certamente encontrarão no livro um retrato inteligente do obscurantismo militante que hoje dá as cartas, não apenas no MRE, mas em várias esferas da administração pública brasileira.

Ismara Izepe de Souza

